

Representações de gênero e luta feminina nas fronteiras do sagrado: relatos do cotidiano e formas de ação

Stela Cristina de Godoi

Professora Dr.^a da Faculdade de Ciências Sociais,
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (FCS-PUCC)
stela.godoi@puc-campinas.edu.br

Larissa Bonassa Perin

Graduanda da Faculdade de Ciências Sociais,
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (FCS-PUCC)
la-bonassa@hotmail.com

108

Resumo

Este escrito resulta das experiências de campo desenroladas no contexto de execução de um projeto de extensão universitária, desenvolvido junto a mulheres assentadas em ocupação urbana, no município de Campinas. A temática gênero e religião, em que se situou o projeto, buscou explorar as interfaces entre as representações de gênero no interior do cristianismo e as vivências femininas no que tange à intolerância social por motivo de sua condição de sexo/gênero e de sua crença ou prática religiosa. Com vistas a contribuir para o desenvolvimento das práticas de extensão universitária junto a mulheres populares e religiosas, este artigo se constituirá de uma tecelagem de impressões, observações e reflexões registradas a partir da técnica do Diário Intelectual e analisadas sob a perspectiva da Sociologia do Cotidiano.

Palavras-chaves: Representações. Sagrado. Intolerância. Feminino.

INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

As intervenções propostas pelo projeto de extensão se dirigiram a mulheres da ocupação Joana d’Arc, localizada em Campinas, no Bairro Cidade Jardim, composta por cerca de 350 famílias acampadas na linha do antigo VLT (Veículo Leve sobre Trilhos). Tendo por objetivo desenvolver atividades de extensão em relação à intolerância religiosa e a desigualdade de gênero através de uma epistemologia feminista, esse projeto visou contribuir para o empoderamento das mulheres em face das opressões sofridas seja no âmbito das instituições religiosas, seja nas relações sociais do espaço privado.

Este artigo tem como objetivo compartilhar com a comunidade acadêmica alguns dos resultados do trabalho proposto, o qual teve sua metodologia estruturada pela noção de “imaginação sociológica” e executada por meio da técnica do “diário intelectual”, cujos registros contêm informações sobre as relações interpessoais ensejadas no cotidiano da ocupação Joana d’Arc, bem como sobre as estratégias de ação e resultados alcançados.

Ao adentrar o universo das trocas, onde os colaboradores estão à mercê do imprevisto diário, nossas ferramentas precisaram adaptar-se rapidamente a uma realidade movediça, por ser provisória e permeada por conflitos e tensões. As técnicas do artesanato intelectual

desempenharam, nesse sentido, um papel crucial no que diz respeito à relação estabelecida entre ensino, extensão e pesquisa. Para Martins (2013, p. 24), o artesanato intelectual responde bem aos desafios dos pequenos temas, que acabam sendo tão fundamentais na história da sociologia, iluminando aspectos da vida social que na grande pesquisa não se pode compreender. Assim, foi nessa abordagem sociológica que encontramos ferramentas para compreender aspectos da vida social da comunidade de uma ocupação urbana, permeada pela experiência de desamparo e provisoriade, que permitiram o desenho de uma metodologia de extensão universitária dialógica e adaptada em sua forma e conteúdo ao improvisado.

As oficinas de costura de retalhos de tecidos, realizadas ao longo de todo o projeto, deram forma a uma estratégia de ação que denominaremos ao longo deste escrito como *bricolagem*. A pesquisa em textos sagrados forneceu material para as dinâmicas e oficinas desenvolvidas com o público-alvo, as quais, uma vez descritas no Diário, fomentaram a criação de novas fontes de pesquisa e informação, além de ter permitido um processo constante de autoavaliação e planejamento da equipe executora do projeto.

Ao final, todas essas informações e análises foram traduzidas em um material informativo em forma de *fanzine*, o qual, adaptado à linguagem informal, alcançou o público-alvo não como meros “receptores” passivos do produto, mas como agentes ativos na construção da imagem e da mensagem veiculada pelo material. Nesse sentido, como *bricolagem* de experiências, tanto na bandeira de *patchwork*, como no *zine*, confeccionados ao longo do projeto, afloraram imagens de uma “religião vivida” pela e sob a ótica das mulheres populares.

Metade Eva, metade Joana: gênero, patriarcado e cristianismo

“Caminhando pelos corredores estreitos da ocupação, nos deparamos com uma mulher de idade mais avançada, dois homens e uma jovem, varrendo os restos de um barraco vizinho recém derrubado. Enquanto amontoam e carregam na carriola os restos de madeira e terra, uma música ecoa dentro da casa: ‘O que é o que é? Clara e salgada/ Cabe em um olho e pesa uma tonelada/ Tem sabor de mar/ Pode ser discreta/ Inquilina da dor/ Morada predileta/ Na calada ela vem/ Refém da vingança/ Irmã do desespero/ Rival da esperança/ [...] Então, sem terror/ Inimigo invisível, Judas incolor/ Perseguido eu já nasci, demorou/ Apenas por trinta moedas o irmão corrompeu/ Atire a primeira pedra quem tem rastro meu/ Cadê o meu sorriso? Onde tá? É, quem roubou?/ Humanidade é má, e até Jesus chorou/ Lágrimas.’”
(Trecho diário de campo de 18/04/2015)

Partimos da ideia de que as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres, ainda presentes nas sociedades do mundo contemporâneo, não se devem a características inatas e biológicas dos sexos, mas sim à construção cultural dessas diferenças. Esse processo de construção cultural se expressa em distintas representações sociais sobre as “naturezas” feminina e masculina, as quais, apesar de terem sido alvo de críticas de todas as ondas do movimento feminista, seguem ainda presentes tanto no imaginário quanto nas práticas sociais.

Admite-se, nesse sentido, que toda a conduta social dos indivíduos dentro dos diferentes âmbitos da vida – religioso, econômico, familiar, cultural – sofrem uma modulação por meio da força coercitiva exercida pela sociedade sobre o indivíduo. Mas, além de fato social, gênero é também representação social e aparelho cognitivo por meio do qual interpelamos a realidade. Nesse sentido, Saffioti (1995) considera que o que a literatura feminista nominou de patriarcado

não é uma etapa histórica delimitável no tempo e no espaço, mas um processo histórico dinâmico que constituiu uma matriz hegemônica de interpretação de gênero.

Em algumas abordagens esse processo tem início na descoberta da função reprodutiva masculina ainda na Era Neolítica. Anteriormente, nos grupos humanos de caça e coleta, supõe-se que se entendia por família a mãe e os filhos vivendo no clã. Essas seriam as formações matrilineares. Somando-se a essas condições evolutivas, as sociedades passaram a ser patrilineares ou patriarcais também por força da criação da propriedade privada e da produção de excedente. Assim, ainda que esse processo em hipótese alguma possa ser considerado linear e universal, com o crescimento da propriedade privada as condições à dominação do outro estavam postas à mesa. Com o crescimento da propriedade privada e transmissível, o casamento é usado como forma de detenção e controle da sexualidade das mulheres.

Por outro lado, tendo em vista que a problemática das representações de gênero é um produto histórico que diz respeito tanto à construção cultural das diferenças entre os sexos, quanto ao fenômeno religioso, de um ponto de vista antropológico, levamos em consideração, nas ações e análises resultantes deste projeto de extensão, as experiências originárias que forneceram o solo sob o qual se constituiu o sujeito religioso e os sentidos da religião na caminhada humana.

De acordo com Maçaneiro (2011), na origem das religiões o que temos são vivências antropológicas fundantes do *humanum*, como a luta pelo alimento, o fascínio das estrelas, o devir contínuo das estações, e não um código doutrinal ou conceito de Divindade prontamente elaborado. São essas vivências “originárias” que abrem possibilidade de sentido à vida e ambientam a percepção da sacralidade:

“É no contexto das vivências originárias que nós – desde nossos ancestrais, em diferentes culturas – nos descobrimos situados na terra como húmus fértil do chão (*húmus=homo*), e, ao mesmo tempo, ligados ao céu, cuja observação nos abre a novas dimensões e conexões existenciais (religado, conectado=*religiosus*). (...) As vivências originárias caracterizam o sujeito humano como *homo religiosus*. (...) Como “filhos do céu”, somos *religiosus*: capazes de ler e reler o cotidiano, a partir de experiências fundadoras de sentido, que nos remetem ao infinito e à transcendência. Daí os dois possíveis sentidos para “religião”: religar e reler, do verbo latino *relegere*.” (Maçaneiro, 2011, p. 9-10)

A vida do *homo religiosus* não é estática, mas dinâmica, e por isso várias religiões se expressam pelo emblema do “caminho”, da “travessia”. Por sua vez, esse dinamismo da vida no devir do tempo aparece também indicado na ideia de geração, nascimento, cura e germinação, tão amplamente presentes no imaginário religioso. Mas que potência misteriosa faz com que as sementes germinem? É curioso observar que diante dessa indagação o olhar do humano foi sendo atraído para o chão, para as fontes subterrâneas da vida. É assim que a terra se torna Ceres, Gaia e Mãe. Em algumas traduções bíblicas aparece muito claramente uma associação entre seio da terra e seio materno, entre útero telúrico e útero gestante. Assim, tudo indica que, no processo inicial de construção de sentidos a essas vivências originárias, o sagrado estava posto no feminino. O útero materno surge como um arquétipo dessa força misteriosa da criação. Contudo, outros sentidos e símbolos foram produzidos na edificação das doutrinas.

É necessário refletir sobre quais as consequências do rompimento com a Deusa e o deslocamento da sexualidade feminina para a sombra no ocidente, e como deram-se essas rupturas e transgressões do feminino. De acordo com Geertz (1989), um sistema religioso é formado por um conjunto de símbolos sagrados que são construídos com uma relação de ordem

em um todo maior, e para aqueles inseridos em tal sistema ele funciona como um conhecimento genuíno e direciona a forma como compreendemos o mundo e vivemos. A partir disso, e através das representações do sagrado, podemos entender como se deu a exclusão legitimada das mulheres nas esferas públicas e privadas, e como isso se reflete nas representações de intolerância de gênero e religião.

Em seu artigo sobre configuração da memória religiosa, sobretudo no catolicismo, Hervieu-Léger & Alves (2005) lançam luz sobre o fato de que o universo simbólico religioso constrói a memória coletiva do grupo, ligando o passado ao presente. Dessa forma, compreende-se que há uma dimensão paradoxal da feminilidade no universo religioso cristão. A imagem da mulher primordial como pecadora e a imagem do feminino como a força geradora da vida competem por legitimidade na sociedade ocidental. A mulher demonizada e pecadora, ou mãe restrita ao lar, está imputada na memória, ao mesmo tempo em que sua força progenitora impulsiona subversões e empoderamento.

No judaísmo a mulher tem seu papel muito bem especificado, e esse papel é a submissão. O Deus dos Hebreus, um Deus masculino, detentor de todo o poder, tem reinado nos dois últimos milênios, marcando a quarta etapa cronológica da história dos mitos. Porém, nem sempre foi assim. Durante a época bíblica as mulheres dos patriarcas eram as matriarcas, mulheres respeitadas e ouvidas, atuavam no plano econômico, tinham voz tanto no plano público quanto no privado. Com o decorrer do tempo e influências estrangeiras, em especial a grega, a mulher no judaísmo tem como novo papel a exclusão de praticamente toda vida pública. Nas palavras de Bogado (2005, p.49), na medida em que a sociedade foi mudando, o comércio, a organização política e militar, a guerra e a espada, o desejo e a sexualidade começaram a ser banidos, em prol do Deus Uno.

Muito antes da Idade Média, o casamento tinha como função o controle da sexualidade da mulher. Através dos preceitos morais se dava a opressão e dominação; porém, aos homens não existe esse controle da sexualidade. Pelo contrário, seria durante a Caça às Bruxas que se fixariam os papéis sexuais, dividindo-se as funções sexuais: a esposa e mãe tinha como função a reprodução e a maternidade, já a prostituta tinha como função proporcionar o prazer. O papel sexual da mulher era, em toda circunstância, servir ao homem.

O livro *Malleus Maleficarum*, dos frades dominicanos Kramer e Sprenger (1484), foi embasado na gênese de Eva e serviu para que dezenas de mulheres queimassem como hereges na fogueira. No século XIV, há grande presença feminina nos espaços públicos, devido à guerra que trouxe a ausência masculina nesses espaços. Nas fogueiras da Inquisição, 85% das pessoas executadas por bruxarias eram mulheres, as acusações eram quase sempre fantasiosas e envolviam elementos do imaginário masculino, inclusive castração dos machos com poderes mágicos. Elas eram, em sua maioria, mulheres pobres, velhas, mendigas, viúvas ou solteiras, todas consideradas heréticas numa época em que nem a Igreja Católica tolerava mulheres. Essa mesma perseguição acontece até a atualidade: a mulher perseguida é a negra, pobre, mãe solteira ou esposa, aquela que não é mãe, seja ela de qualquer religião.

Na mesma época em que a mulher pobre e sem proteção masculina era perseguida, a ascensão do culto à Virgem Maria acontecia juntamente ao amor cortês, no qual as mulheres das classes dominantes foram colocadas em um pedestal de pureza e idealização. Assim como acontecia com a imagem da Virgem, as mulheres no amor cortês também eram exaltadas pela virgindade e maternidade.

Assim, aquele sentido positivo dado ao feminino a partir das vivências “originárias” do afeto, do tremor, da infinitude, da travessia, da geração, sofreu ao longo do período medieval profunda transformação. A dissociação do pecado feminino está contida e associada à condição biológica da mulher, como se gerando filhos ela atingisse sua redenção: quando ela nasce, está fadada a ser pecadora até encontrar, através da maternidade e da dedicação ao lar, o lugar em que possa se redimir.

Pensando em Maria Madalena, a pecadora que não pertence a nenhum homem, sua imagem está vinculada ao vulgar, assim como a mulher que nega se casar, ou prefere viver sozinha sem estar vinculada ao pai é “malvista”. Como as mulheres que viviam sozinhas na Idade Média e foram para a fogueira, até hoje o feminino carrega o fardo da histeria e da loucura quando desafia a matriz hegemônica de interpretação dos gêneros.

Dentro do neopentecostalismo a cidadania feminina segue paradoxal, pois ao mesmo tempo em que a batalha espiritual está diretamente ligada à repressão do corpo feminino e da sexualidade, as mulheres vêm crescentemente ocupando espaços de poder nas instituições religiosas, como pastoras e missionárias.

Assim, este projeto de extensão pensa que, levando em consideração a relação dialética da subjetivação-objetivação do ser na atividade humana sensível, o enfrentamento feminino para sua condição de vida opressiva se traduz na experiência religiosa das mulheres em um deslocamento do discurso religioso para o plano da fé, da religiosidade. Logo, ao deslocá-lo do campo das determinações dogmáticas das igrejas, as mulheres utilizam as próprias representações religiosas paradoxais do feminino para disputar espaços sociais mais igualitários.

Relatos da religião vivida e bricolagem do cotidiano

“Sidene, que já trabalhou como costureira, dá início à oficina, montando a casa simbólica, enquanto isso todas assistem tímidas como se esperassem um sinal inicial. Quando Sidene termina, saindo de cena para a costura, rapidamente nove mulheres se reúnem em torno da mesa, conversam, riem e trabalham, se ajudam mutuamente. Se agrupam em duas ou três, em menos de dez minutos eu consigo ver os telhados, os corpos e tudo fluindo. Ouço Cristina tocando pandeiro com as crianças: tudo é diversão por aqui hoje. Vejo nelas, além da casa, o que se constrói é a esperança de uma vida melhor, na oportunidade de se ver produzindo algo com as próprias mãos, começando aqui a transformação do próprio mundo onde vivem.”

(Trecho do diário de campo referente à oficina do dia 30/09/2015)

Buscamos orientar as ações do projeto de extensão levando em consideração essas vivências originárias do *homo religiosus*, discutidas nas páginas anteriores. As ações foram sempre criação de canais de comunicação, pelas quais se expressaram identidades de gênero em disputa e fragmentos de memória coletiva, carregada na bagagem social das participantes, das rodas de conversa, trocas de fotografia e oficinas de costura.

As oficinas de costura com retalhos de tecido (*patchwork*) foram realizadas por meio de dinâmicas, usando símbolos sagrados, nos quais estão contidos arquétipos dessas vivências originárias do humano, representações do sagrado feminino, bem como símbolos católicos, pentecostais e neopentecostais, buscando descortinar os valores e visões de mundo do coletivo. Foram promovidas duas oficinas para a construção de camisetas durante os dois semestres. No segundo semestre a oficina se norteou pelo tema “mulheres – luta – religião”, no qual produzimos uma camiseta contendo uma casa representando a dimensão da luta, construída por essas mulheres e ao centro da casa um símbolo que representasse a dimensão da fé.



Figura 1: As fotos foram tiradas no processo de confecção das camisetas a partir dos temas mulheres – luta – religião. [fonte: Paula Cristina Tenório Cavalcante, 2015].

O processo de construção da colcha de retalhos deu-se por meio da transmissão oral de saberes e tecelagem coletiva de tecidos. Através desse trabalho coletivo, constitui-se um lugar no tempo e no espaço rico em experiência. A reconstrução da trajetória de vida de cada uma das participantes teve um papel fundamental na constituição do coletivo “Espaço das Joanas”, o qual, embora tenha sofrido com a dispersão de seus membros, inerente à fragilidade dos vínculos que brotam da provisoriedade da vida em uma ocupação, impulsionou a criação de novas lideranças e espaços de ação social.

Através das rodas de conversa e oficinas de costura de retalhos, conseguimos captar vivências das mulheres da comunidade da ocupação Joana d’Arc, que trouxeram alguns elementos importantes para a compreensão de como elas enxergam o símbolo “mulher” e como vivenciam a experiência religiosa.

Analisando a foto abaixo, da colcha costurada pelas participantes, em processo de construção, podemos observar que a casa e a maternidade aparecem repetidas vezes no centro das narrativas tecidas acerca do tema “Minha fé e minha luta”. A casa surgiu como o espaço físico e simbólico fundante da vida social e psíquica, a maternidade como a representação do milagre da vida e da força misteriosa da geração.



Figura 2: Foto tirada em uns dos últimos encontros das oficinas de patchwork junto a mulheres da ocupação Joana d'Arc, no qual as histórias de vida tecidas por cada uma das participantes começou a ser unidas em uma única colcha. [fonte: Paula Cristina Tenório Cavalcante, 2015].

Assim, se as águas (do batismo) são o útero da Igreja, “mãe” que gera filhos e filhas de “Deus”, de onde renascemos, para essas mulheres a feminilidade não é deixada de lado, mas assumida na experiência mística como o coração de Deus, a força aguerrida que promove a vida e, quiçá, a luta contra a pobreza e a desigualdade social.

Representations of gender and women's struggle on the boundaries of the sacred: daily reports and forms of action

114

Abstract

This writing, results from the field experiences developed in the context of a university extension project execution, which was built up together with women who are settled at an urban occupation in the city of Campinas. The gender and religion theme, in which the project has established itself, has tried to explore the interface between gender representations inside christianism, and the female experiences in regards the social intolerance motivated by either their gender or their beliefs and religious practices. In order to contribute to the development of the university extension practices with lower-class and religious women, this article constitutes a weaving of impressions, observations and reflexions recorded based on the Intellectual Journal technic and analyzed under the perspective of the Daily Sociology.

Key-words: Representations. Sacred. Intolerance. Female.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESSA, Daniela Borja. A batalha espiritual e o erotismo. *Revista de Estudos da Religião*, n. 1, p. 39-49, 2006.

BÍBLIA SAGRADA. 24^a ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1977.

BOGADO, Anna Patrícia Chagas Bogado. *Maria Madalena—O Feminino na Luz e na Sombra*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

FONSECA, RM,G.S. da. A educação e o processo de inclusão-exclusão social da mulher: uma questão de gênero? *Rev. Brasileira de Enfermagem*, VA8, n. 1, p. 51-59, 1995.

GEERTZ, Clifford. *Ethos, Visão de mundo e a análise de símbolos sagrados. A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

Representações de gênero e luta feminina nas fronteiras do sagrado: relatos do cotidiano e formas de ação

HERVIEU-LÉGER, Danièle; ALVES, Maria Ruth de Souza. Catolicismo-a configuração da memória. *Revista de Estudos da Religião*, n. 2, p. 87-107, 2005.

MILLS, Charles Wright, and Waltensir Dutra. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

SAFFIOTI, H. “Diferença ou indiferença: gênero, raça/etnia, classe social”. In: ADORNO, Sérgio. *A sociologia entre a modernidade e contemporaneidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Sociedade Brasileira de Sociologia, 1995.

Data de submissão: 11/08/2016

Data de aceite: 30/08/2016